

A FORMAÇÃO DE TRADUTORES DE ESCRITA DE LÍNGUA DE SINAIS EM CURSOS TÉCNICOS DE LIBRAS NO ESPÍRITO SANTO

THE TRAINING OF TRANSLATORS OF WRITTEN SIGN LANGUAGE IN TECHNICAL COURSES IN ESPÍRITO SANTO

*Arlene Batista da Silva
Daniela Gomes Gumiero*

RESUMO: Este estudo relaciona-se à temática da formação de tradutores de escrita de língua de sinais. Tomando como referência principal os estudos sobre a linguagem (BAKHTIN, 2003); a tradução (SOBRAL, 2008; ARROJO, 1992) e a escrita de sinais (STUMPF, 2004; BARRETO, M; BARRETO, R., 2015), realizamos uma pesquisa documental (com levantamento de resoluções, planos de curso) e de campo (com questionários e entrevistas feitas a quatro professores que ministraram a disciplina de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema *SignWriting*), objetivando conhecer metodologias de ensino de tradução utilizadas nos Cursos Técnicos em Tradução e Interpretação de Libras no Estado do Espírito Santo, em 2016. Os resultados da pesquisa evidenciaram que as metodologias, em sua maioria, estão pautadas numa concepção de ensino de língua como sistema abstrato de signos, organizado a partir de regras de escrita que permitem a representação fonético-fonológica das línguas de sinais. Tal constatação indica a necessidade de implementação de um ensino baseado na leitura e na tradução da escrita de sinais a partir de diferentes gêneros discursivos presentes em situações concretas de interação no cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Curso Técnico. Tradução e Interpretação de Libras. Espírito Santo. Escrita de Língua de Sinais.

ABSTRACT: The present study's thematic area is the training of translators in written sign language. Taking as theoretical background the main studies in language (BAKHTIN, 2003); translation (SOBRAL, 2008; ARROJO, 1992) and sign language (STUMPF, 2004; BARRETO, M; BARRETO, R. , 2015), a bibliographical study (with a survey on resolutions, plans of study) and field research (with questionnaires and interviews with four teachers who taught the course Written Sign Language through the *SignWriting*), system were conducted aiming at finding out the translation teaching methodologies used in Sign Language Translation and Interpretation Technical Courses in the State of Espírito Santo in 2016. Results showed that the majority of the methodologies are rooted in a teaching conception of language as an abstract system of signs, organized around rules of writing which permit the phonetic-phonological representation of the sign languages. Such finding indicates the need for

the implementation of a teaching practice based on reading and on the written translation of signs from a perspective of different discourse genres present in real daily-life interactional situations.

KEYWORDS: Technical Course. Sign Language Translation and Interpretation. Espírito Santo. Written Sign Language.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, no Brasil, têm crescido as pesquisas em torno da escrita da língua de sinais¹ (ELS) por meio do sistema *SignWriting* (SW), sistema que permite o registro escrito de uma língua em modalidade espaço-visual (BARRETO, M.; BARRETO, R. 2015). Com o *SignWriting*, é possível representar as posições de diferentes partes do corpo (mãos, ombros, cabeça) além de movimentos e rotações realizados durante a comunicação por meio dos sinais.

O ensino da escrita da língua de sinais tornou-se mais conhecido a partir de sua inserção como disciplina obrigatória no curso Letras-Libras a distância oferecido pela UFSC, desde 2006. Hoje, faz parte da grade curricular de todos os cursos de Letras-Libras presenciais das universidades do país e conta com algumas publicações com esse registro, tais como obras de literatura infantil, dicionários; e obras acadêmicas voltadas ao ensino ELS para tradutores, intérpretes e professores.

Alguns pesquisadores (BARRETO, M.; BARRETO, R., 2015; STUMPF, 2004; GESSER, 2009) apresentam resultados acerca dos benefícios da escrita de sinais na apropriação da primeira língua, a Libras, por crianças surdas na Educação Básica. Nesse contexto, o papel dos tradutores em ELS torna-se fundamental, na medida em que o aumento das traduções nessa área: a) fortalece o *status* social da língua de sinais, consolidando o registro escrito; b) inscreve as variações da Libras em diferentes épocas

¹ Neste estudo, as expressões “escrita de língua de sinais” e “escrita de sinais” serão usadas para referir-se à escrita da Libras.

e regiões e c) permite a construção de dicionários e glossários (BARRETO, M.; BARRETO, R., 2015).

Assim, a tradução em escrita de sinais toma uma dimensão política, pois figura como uma prática social que se apropria de um sistema simbólico, uma tecnologia para criar materiais que promovem tensões com formas de expressão próprias da língua majoritária. Produzir e divulgar objetos culturais em escrita de sinais é uma forma de resistir contra o apagamento da diferença, da pluralidade linguística e cultural das comunidades surdas existentes no país.

Partindo desse princípio, uma das ações que podem contribuir para ressignificar práticas comunicativas, ainda hoje, discriminatórias e excludentes é investir na formação de tradutores de ELS. Ao produzir e fazer circular diferentes gêneros discursivos em escrita de sinais (na escola, no comércio, nos hospitais, nas empresas, etc.), esses profissionais possibilitam o diálogo entre culturas e o interesse de ouvintes em conhecer os saberes produzidos pelas comunidades surdas.

No Espírito Santo, uma importante ação realizada em prol da formação de tradutores em ELS foi a criação do curso Letras-Libras Licenciatura e Bacharelado à distância oferecido pela UFSC em 2008, com polo na UFES. Os movimentos políticos de docentes e professores desse curso em defesa da acessibilidade à comunicação para a comunidade surda no estado ganharam força, exigindo políticas públicas por parte do governo para combater a exclusão do mundo da informação, enfrentada pelos os surdos capixabas durante décadas.

Esse movimento foi crucial para a criação do Curso Técnico de Tradução e Interpretação de Libras (doravante CT) pela Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (SEDU), em 2010. No que se refere à organização curricular, o curso apresenta uma grade de disciplinas semestral semelhante à utilizada no curso Letras-Libras a distância, da UFSC/Ufes, dentre as quais destacamos a escrita de língua de sinais ancorada no sistema *SignWriting*.

À luz dessas informações, os cursos técnicos de Tradução e Interpretação de Libras no Espírito Santo parecem se alinhar com o que há de mais inovador na

formação de profissionais na área de Libras. Contudo, se por um lado é uma proposta pioneira inserir essa disciplina na grade curricular, a fim de formar tradutores de ELS, por outro lado, a depender do modo como esta vem sendo ensinada, pode não promover o resultado esperado, pois a falta de experiência e segurança no saber-fazer prático da profissão, acaba por levar os alunos a escolher outros segmentos de atuação como a área de interpretação ou tradução português/Libras.

Tendo em vista esse contexto, este estudo teve como objetivo central conhecer como se dá a organização da disciplina ELS e as metodologias utilizadas nos cursos técnicos de tradução e interpretação no Espírito Santo em 2016. Para tal, tomamos como eixo norteador as seguintes perguntas: a) como está organizado o ensino de ELS nos cursos técnicos oferecidos pelo estado?; b) quais conteúdos vem sendo ensinados; c) quem são os professores dos cursos? e d) quais metodologias vem sendo adotadas?

Para a realização desta investigação, utilizamos os princípios metodológicos da pesquisa documental, de modo a extrair informações sobre a criação e organização dos cursos técnicos em quatro municípios, a saber: Colatina, Linhares, Vitória e Vila Velha. Por meio da análise desses documentos, foi possível encontrar, conforme Cellard (2008), vestígios de conceitos, práticas e mentalidades de diferentes grupos sociais.

Subsidiariamente, realizamos uma pesquisa de campo para contato com quatro professores que ministraram a disciplina de ELS nos municípios mencionados em 2016. Seguindo os princípios metodológicos apontados por Andrade (2009) para coletar dados em campo, elaboramos e entregamos um questionário (com perguntas abertas e fechadas) escrito em ELS e em português, uma vez que tal instrumento permite respostas rápidas e precisas, considerando que essa dinâmica incide sobre um escopo com menos risco de influência do pesquisador (ANDRADE, 2009), além da liberdade de escolha do informante diante dos dois formulários que foram oferecidos. A entrevista contou com um roteiro de perguntas sobre a metodologia utilizada no ensino da disciplina, atividades, recursos disponíveis, práticas de tradução e avaliação, que permitiu a obtenção de informações relevantes, não registradas em fontes

documentais (ANDRADE, 2009). Cumpre destacar que a pesquisa foi realizada dentro de todos os procedimentos determinados pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos, com o objetivo de salvaguardar os direitos e a dignidade dos participantes.

2 TRADUÇÃO COMO TRANSCRIÇÃO DE DISCURSOS

O estudo em questão tomará como referência os princípios teóricos dos Estudos da Tradução (ARROJO, 1992; SOBRAL, 2008) em articulação com os estudos da linguagem relacionados à concepção de gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003).

Rosemary Arrojo, em seu livro *Oficina de Tradução: a teoria na prática* (1992), contesta a ideia de tradução como atividade de transporte de significados estáveis, na qual o tradutor tem a responsabilidade de reconstruir na totalidade a ideia do texto original, seu estilo e fluência, mantendo um controle total sobre os sentidos do texto. Em oposição a essa concepção, a autora defende que a tradução é um ato provisório cujo significado do texto alvo é influenciado: a) pela leitura do texto fonte feita pelo tradutor e b) pelo contexto linguístico e extralinguístico em que o texto alvo irá circular.

Nesse contexto, Arrojo (1992, p.76) argumenta que o tradutor precisa ser um bom leitor, pois “aprender a ler, significa, portanto, aprender a produzir significados a partir de um determinado texto, que sejam aceitáveis para a comunidade cultura da qual participa o leitor”. Dessa forma, o texto traduzido é o resultado de múltiplas leituras: a) da leitura feita a partir do texto fonte; b) do público-alvo; c) do contexto histórico e social em que o novo texto será inserido; d) das experiências, memórias e vivências do tradutor acerca do assunto e do estilo do texto a ser traduzido.

Sobral (2008) amplia essa concepção, esclarecendo, já, de início, que não se traduz textos e sim discursos que se materializam na língua em uso, nos acontecimentos da vida, nas práticas sociais. Filiado à teoria dialógica da linguagem proposta por Bakhtin (2003), ele pondera que

a tradução, ou discurso traduzido, seria um gênero à parte, *sui generis*, um pós-gênero ou trans-gênero, porque é uma ação de recorte do mundo que recorta um recorte, um estranho gênero que constitui vários outros gêneros, que origina pelas mãos de um novo autor (ou co-autor) um discurso que vem de outro discurso e que já tem um autor (SOBRAL, 2008, p.69)

Nessa perspectiva, a tradução se constitui um trans-gênero, um eco, resultado do diálogo com outros enunciados. O tradutor torna-se, nesse processo, interlocutor, ao realizar uma atitude de compreensão ativa do discurso fonte (de reiteração, de reformulação, aceitação ou oposição) em confronto tanto com seus enunciados interiores como com os enunciados alheios. Nesse diálogo, há, ainda, a interlocução com momento histórico, o espaço social, o conteúdo ideológico, a avaliação valorativa e as condições de produção e recepção do locutor presumido. Em outro momento, ao dirigir-se ao público-alvo, o tradutor assume uma atitude responsiva, criando novos enunciados, tonando-se locutor, isto é, um autor cujo “texto traduzido é necessariamente outro texto [...] que respeite a natureza da língua para a qual traduz sem deixar de constituir o que há de específico no texto em língua estrangeira” (SOBRAL, 2008, p. 70).

Isso posto, entendemos que a escrita de sinais exige do tradutor o conhecimento de uma diversidade de discursos em Libras e em português, ou seja, é necessário ler o mundo por meio de palavras e recriá-lo a partir de discursos imagéticos registrados por escrito com signos visuais que não se limitem apenas à representação da configuração das mãos, ou do ponto de articulação, ou, ainda, da orientação da palma da mão. À tarefa do tradutor caberá, pois, a recriação de discursos que se materializem no corpo cujas escolhas lexicais, de estilo e de conteúdo, serão diretamente influenciadas pelo contexto extralinguístico de enunciação.

As reflexões feitas até aqui sobre a tradução e o tradutor, sobretudo o da escrita de sinais, reverberam no âmbito da formação desses profissionais, especificamente das metodologias de ensino utilizadas para se ensinar a traduzir nessa modalidade. Tomando como referência os estudos da linguagem propostos por Bakhtin e seu círculo, entendemos que as práticas de tradução precisam oportunizar o exercício da

leitura e da escrita de sinais a partir de diferentes gêneros discursivos usados em situações concretas de interação.

De acordo com Bakhtin (2003), os gêneros do discurso são um conjunto de formas comunicativas (maleáveis e heterogêneas) construídas pela sociedade que, em diferentes épocas, permitem a interação entre os indivíduos. Os gêneros podem ser orais (sinalizados) ou escritos e estão presentes em todos os campos da atividade humana. São formados por enunciados que

refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 262).

À luz dessas considerações, acreditamos que o ensino da tradução em escrita de sinais não pode se pautar na prática de exercícios repetitivos para dominar as unidades estruturais e regras de combinação dos elementos linguísticos que compõem a língua de sinais em sua forma escrita. Exercícios de imitação (cópia) e memorização dos grafemas² tampouco contribuem para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita caras ao ofício do tradutor.

Em oposição a essas práticas, é fundamental que o aprendiz exercite a leitura e a tradução de diferentes gêneros discursivos (indo do mais simples ao mais complexo), com ênfase em sua função social, nos interlocutores, no conteúdo composicional, nos elementos culturais e discursivos. Cabe destacar que não ignoramos, aqui, a importância de se ensinar os aspectos linguísticos e estruturais da escrita de sinais, contudo, na formação do tradutor, a ênfase deve recair sobre a recriação de gêneros em português para a ELS, a fim de tornar-se um agente multiplicador dessa forma de escrita.

²De acordo com Madson Barreto e Raquel Barreto (2015), nas línguas de sinais, também são utilizados grafemas (menor unidade em um sistema de escrita, corresponde às letras) para representar por escrito todos os parâmetros utilizados na sinalização.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Apresentaremos, a seguir, os dados coletados de documentos (resoluções e planos de curso) que dispõem sobre a organização dos cursos técnicos, e a partir de um questionário com perguntas sobre a identidade dos participantes, sua formação, recursos utilizados e entrevista sobre as realidades objetivas e subjetivas implicadas nas práticas dos docentes que ministraram a disciplina ELS.

Cabe destacar que o instrumento de coleta de dados foi elaborado em duas versões: uma em português e outra em escrita de sinais, possibilitando, assim, que os informantes escolhessem a versão em que se sentissem mais confortáveis para leitura e resposta. Curiosamente, a opção pelo questionário em português foi unânime. Tal atitude levou os pesquisadores a uma série de reflexões acerca dos motivos que justificariam a recusa dos participantes em responder ao questionário em ELS. Devido aos objetivos da pesquisa, não foi possível aprofundar as investigações sobre esse dado, contudo, há pelo menos um fato concreto que suscita algumas afirmações provisórias: a excepcionalidade no uso de questionários em escrita de sinais pode causar certo desconforto nos participantes, pois esse gênero ainda não se consolidou como uma prática de comunicação social, não sendo utilizados, portanto, no cotidiano. Nesse contexto, o leitor, surdo ou ouvinte, precisará acionar uma série de informações complexas que demandarão tempo e esforço. O mesmo não acontece com questionários em português. Embora haja alguma dificuldade com certas expressões, os informantes já se apropriaram de práticas de leitura desse gênero e possuem familiaridade com os enunciados que o constituem, o que condiciona maior habilidade de compreensão e rapidez nas respostas.

Em relação à implementação dos cursos, os documentos analisados revelaram que o primeiro Curso Técnico em Tradução e Interpretação de Libras começou a funcionar em Vitória, em 2010. Em 2016, havia seis cursos técnicos em funcionamento em diferentes municípios: Vila Velha, Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, Guarapari,

Colatina e Linhares. A carga horária total dos cursos é de 1200h, contendo entre três a quatro módulos da disciplina em cada semestre. De acordo com os planos de curso, as disciplinas possuem um conteúdo introdutório, ou seja, não há tópicos relacionados à tradução de ELS voltados a diferentes áreas (educacionais, jurídicas, médicas, etc.). Parece, portanto, que a oferta da disciplina aponta para o ensinamento dos principais fundamentos da escrita de sinais, sem fornecer ao aluno um aprofundamento das práticas tradutórias nessa área.

Os dados coletados pelo questionário revelaram que dois participantes se declararam surdos e dois ouvintes. Enquanto três deles aprenderam a escrita de sinais na graduação em Letras-Libras a distância UFSC/Ufes, um deles teve o primeiro contato com SW por meio de um curso presencial ofertado pela Associação dos Surdos de Colatina (ASURCOL), em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Colatina (SEMED), aprimorado com a palestra e minicurso ministrado por Marianne Stumpf³ no 1º Encontro de Libras e Acessibilidade (ENLA), ocorrido em Linhares, em 2015. Todos os entrevistados declararam conhecer vários pesquisadores-referência nos estudos sobre ELS do Brasil e do exterior como Valerie Sutton, Marianne Stumpf, Madson Barreto e apenas um dos sujeitos citou Maria Salomé Soares Dallan.

Em relação à literatura infantil traduzida para a escrita de sinais, os informantes afirmaram conhecer toda a lista⁴ de produções indicada no questionário e ter utilizado e/ou apresentado pelo menos uma em sala de aula. Dentre o material bibliográfico apontado como literatura básica pelos professores estão os dicionários do Capovilla, o livro *Escrita de Sinais sem Mistérios*, de Madson Barreto e Raquel Barreto (2015) e o *Manual de SignWriting*, traduzido por Mariane Stumpf (s/d).

³ Professora associada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), membro do Grupo de especialistas em línguas de sinais - World Federation of the Deaf ; coordenadora do Grupo de Pesquisa de Estudos sobre o *SignWriting* registrado no CNPq.

⁴ *Rapunzel Surda; Cinderela Surda; Os mistérios do Jardim de Mimi e Lulu; Manoelito, o palhaço tristonho; O feijãozinho Surdo; Negrinho e Solimões.*

Quanto ao uso de tecnologias da informação nas práticas de tradução, apenas dois professores utilizaram os programas *SW-Edit* e *SignPuddle* com seus alunos. Alguns participantes informaram que a falta de manutenção dos computadores nas escolas impede que haja um trabalho efetivo dos recursos tecnológicos durante a disciplina.

Em relação ao nível de conhecimento e prática de tradução em ELS dos alunos dos CTs, três professores afirmaram que alunos oscilam entre o nível de alfabetização e tradução em fase inicial, enquanto um declarou que os alunos já realizam traduções em nível avançado. Complementarmente, foi apresentado um pequeno texto (nível iniciante) em escrita de sinais. Três professores disseram que seus alunos conseguiriam traduzir para o português; um afirmou que somente metade de sua turma o traduziria.

A partir dos dados apresentados por meio de questionário, notamos que os professores de escrita de sinais dos CTs investigados, em sua maioria, foram graduados em instituições que são referência na formação de tradutores e intérpretes de Libras no Brasil, oferecendo-lhes um amplo conhecimento teórico na área de escrita de sinais, evidenciado pela utilização da referência bibliográfica específica desse campo, além de estarem atualizados em relação aos pesquisadores renomados e às obras de literatura infantil que podem servir como objeto de leitura e análise de traduções em sala de aula.

Por outro lado, um fato que impacta diretamente na qualidade da formação dos tradutores de ELS é a falta de investimento em tecnologias da informação, como os programas *SW-edit* e *SignPuddle*, uma vez que esses recursos facilitariam o registro da escrita de sinais, a qual deixaria de ser uma atividade manual (repetitiva e enfadonha), permitindo que o aluno se dedique em outras práticas exigidas na atividade tradutória.

Contudo, o mais preocupante é o fato de os discentes apresentarem baixa competência tradutória, com um nível de leitura e interpretação aquém do esperado para atuarem como tradutores. Esse fato traz graves consequências para a consolidação desse ramo de atuação, pois a inexperiência de tradução em escrita de sinais gera insegurança que, somada às poucas oportunidades de trabalho, acaba por levar os

alunos a se dedicarem a outros segmentos da profissão (intérprete educacional, de conferência, tradução sinalizada em vídeo, etc.).

Os trechos das entrevistas, a seguir, revelaram práticas diversas relacionadas ao modo como cada professor concebe o ensino de ELS.

[...] aí a gente começa a explicar, dentro da parte teórica também, como surgiu? A partir de que? Explicar que é um sistema [...] depois disso, a gente começa um processo de alfabetização mesmo, tipo assim, vamos começar bem no início, do básico. A gente vai explicando as configurações de mão, todo processo de orientação, os planos, até eles chegarem num tipo de processo onde eles vão começar a escrever, começar a ler e tal. [...] outra metodologia que eu sempre trago comigo, é fazer com que os alunos tenham um caderno específico para a disciplina, colocamos etiqueta no caderno, em todo processo que eles fazem atividade ou levam para casa para corrigir, dá super certo! Também colo todas as atividades que eles fizeram, preservo muito bem isso, sabe por que? Eu penso o seguinte, se o aluno está aprendendo a Escrita de Sinais, está passando por um processo de alfabetização, aprendendo a escrever a escrita, ele tem que ter um registro, porque depois ele pode voltar ao material dele e:

- Nossa! Eu vou fazer uma atividade agora, eu tenho aquele caderno!

Então isso daí é uma estratégia que eu sempre faço e dá certo, eles falam:

- Professor, recorri ao caderno aquela vez que eu precisei fazer, estudar para concurso [...] (PROFESSOR A).

.....
..

[...] eu pensei numa estratégia, inventei uma dinâmica, uma brincadeira onde os alunos sentaram em círculo, brincadeira parecida ao morto/vivo, mas adaptado para a *SignWriting*. Por exemplo, eu fazia a configuração da mão em D, perguntava e aguardava resposta rápida: branco? Preto? Preto/branco? [...] os alunos tinham que me responder de forma rápida, cada um mostrava a mão com a configuração em D na posição que acreditavam ser a que solicitei. Aquele que errava, deixava o círculo da dinâmica. Assim eles começavam a entender e desenvolver, muita prática. [...] ofereço prova em dupla com o auxílio do dicionário, mas eles precisam se esforçar. A prova em dupla promove a interação entre os alunos, trocas de informações, experiências, dúvidas. Ao corrigir, dou um

feedback aos alunos sobre os resultados obtidos. Percebo que utilizando essa estratégia, alguns alunos que são mais atentos tiravam notas máximas, dava-lhes parabéns. Alguns tinham muito atenção, interesse, viam os exemplos, trabalhavam focados, desenvolviam-se junto ao colega, era um incentivo para o desenvolvimento (PROFESSOR B)

.....
.....

“[...] mostrei e expliquei os comandos dos sistemas *SW-edit* e *SignPuddle*, sendo que só foi possível praticar o *SignPuddle*, por que o pessoal responsável não conseguiu instalar o programa do *SW-edit* nos computadores do laboratório de informática da escola. [...] apresentei no datashow alguns vídeos do Tom Mim Alves que tem Escrita de Sinais, e que estão no *Youtube*, áudio, tradução para Libras e legenda em Escrita de Sinais. [...] outra estratégia foi a criação de um seminário, onde os alunos se dividiram em grupos e escolheram temáticas de acordo com a Escrita de Sinais, por exemplo, um grupo explicava os símbolos de contato, outro grupo explicava as setas, outro plano chão e plano parede e outros temas (PROFESSOR C).

.....
.....

[...] considero seis os tópicos importantes: pesquisa, tentativa/observação, estratégia, *powerpoint*, apresentar exemplos, práticas. [...] planejei as aulas, comecei a pesquisar livros em casa, meu pensamento era em como o aluno entenderia de forma clara a SW. [...] prática, utilizava poucas atividades escritas no papel, maior parte das atividades eram escritas no quadro, cada aluno ia a frente e praticava no quadro. Alunos ficavam apreensivos e eu dizia: vai! [...] aluno precisa ter prática de escrita individual, si ele escrevesse algo errado, eu estava ali para consertar, interagir. Depois vinham as provas, alunos já sabiam escrever pois praticaram antes (PROFESSOR D).

A partir dos relatos, podemos destacar as seguintes práticas: atividades de alfabetização com descrição das configurações de mão, orientação da palma da mão, dos planos para, posteriormente, desenvolverem as habilidades de leitura e escrita (Professor A); dinâmicas de interação para memorizar grafemas, prova em dupla com o uso do dicionário para estabelecer a relação grafema/palavra, intervenções do professor a partir das respostas dos alunos (Professor B); práticas de escrita nos

sistemas *SW-edit e SignPuddle*, utilização de vídeos em Libras e tradução de legendas em ELS, criação de seminários em que cada grupo explicava os elementos linguísticos utilizados na ELS (Professor C); brincadeiras para memorizar as regras da ELS, prova em dupla, elogios para incentivar os alunos (Professor D).

Percebemos, a partir dos relatos dos professores, que as práticas estão ligadas a uma concepção de língua como sistema composto de regras, que norteiam práticas como estudo teórico dos elementos linguísticos que compõem o sistema de escrita, exercícios de tradução de palavras e frases soltas, desencarnadas dos discursos com os quais efetivamente interagimos no cotidiano.

A esse respeito, retomamos Sobral (2008, p.58) ao afirmar que “traduzimos discursos, produzidos por sujeitos em situações concretas de enunciação”. Assim, é fundamental ressignificar as práticas de ensino de ELS a partir de uma concepção de língua como lugar de interação entre sujeitos, com foco na leitura e tradução de gêneros, levando em conta sua função social, seu conteúdo composicional, seu estilo, os interlocutores e não somente os aspectos linguísticos estruturais que o compõem. Nessa perspectiva, há uma série de atividades de tradução de gêneros, que vai do mais simples ao mais complexo, nas quais o aluno poderá adquirir experiência prática, aumentando sua autoconfiança e o interesse em atuar na área. No nível iniciante, placas de identificação, de avisos, lista de compras, cardápio, cartazes promoção em lojas e supermercados, cartazes informativos, etc. No nível intermediário, receitas, obras literárias infantis com pequenos textos, notícias, etc. No nível avançado, resumos acadêmicos, de palestras, textos de opinião, biografias, obras literárias, materiais didáticos para o ensino para a Educação Básica, etc. Um ponto central no trabalho com a tradução desses gêneros é a necessidade de torná-los formas concretas de comunicação, para que tenham uma função social e, portanto, comecem a circular no cotidiano.

Sem dúvida, essa é uma proposta ousada que, para alcançar êxito, requer maiores investimentos na qualificação dos professores dos cursos técnicos do Espírito

Santo, com foco em práticas metodológicas específicas que contribuam para a formação de tradutores em escrita de sinais mais bem preparados para atuar na área.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo conhecer as metodologias de ensino de tradução em escrita de sinais utilizadas pelos professores nos cursos técnicos de tradução e interpretação de Libras no Espírito Santo entre 2016 e 2017.

Os resultados da pesquisa revelaram que a formação inicial dos tradutores em escrita de sinais nos cursos técnicos do Espírito Santo requer investimentos, sobretudo no que se refere aos recursos tecnológicos (com a disponibilização de *softwares* editores de texto que promovam maior dinamicidade às aulas e produção de traduções) e na formação continuada dos professores com foco nas metodologias voltadas à prática tradutória.

De acordo com Barreto, M. e Barreto, R. (2015), o tradutor de escrita de sinais desempenha um papel fundamental para o fortalecimento da cultura surda, pois o resultado de seu trabalho permitirá o registro de variações geográficas, históricas e situacionais da língua de sinais, além de elevar seu *status* linguístico, desmistificando a afirmação de que seriam línguas ágrafas. Somadas a isso, as traduções em ELS podem contribuir para a alfabetização de crianças surdas em Libras e também em português escrito, numa abordagem efetivamente bilíngue (STUMPF, 2004).

Dada a relevância do tradutor de ELS em uma sociedade que cada vez mais defende a acessibilidade e a inclusão dos indivíduos, torna-se fundamental que o ensino dessa disciplina esteja voltado para práticas tradutórias de diversos gêneros discursivos que se materializam em situações concretas da comunicação verbal (BAKHTIN, 2003). Para isso, os saberes dos professores precisam ser ressignificados a partir de uma concepção de língua como lugar de interação social articulada às habilidades fundamentais dos futuros técnicos nessa área de atuação, conforme defendem Arrojo (1992) e Sobral (2008).

Acredita-se que outras ações aliadas à qualificação docente e ao investimento em tecnologias podem ampliar a experiência prática dos discentes dos CTs, como estabelecer parceria com escolas de surdos, produzindo material didático para os professores; criar grupos de trabalho para que os alunos traduzam materiais em diferentes áreas (literatura infantil, textos informativos na área da saúde, do turismo e jurídica); organizar eventos voltados à tradução em escrita de sinais, entre outros.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para mostrar um diagnóstico das práticas presentes na formação dos tradutores de escrita de sinais no Espírito Santo e que sirva como referência para outros estudos e políticas que resultem na melhoria da qualificação desse profissional.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ARROJO, R. **Oficina de tradução: A teoria na prática**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem Mistérios**. 2ª ed. rev. atual.e ampl. Salvador: Libras escrita, 2015.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOBRAL, A. U. **Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: SBS-Special Book Services, 2008.

STUMPF, M. Sistema *SignWriting*: por uma escrita funcional para o surdo. In: THORMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini. (Org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.